



Abraços Grátis: Ações humanizadas de acolhimento de candidatos em vestibular de medicina – Relato de Experiência

Free Hugs: Humanized actions for reception of candidates in the admission exam for Medicine – Experience report

Abrazos Gratis: Acciones humanizadas para la recepción de candidatos en el examen de admisión para Medicina - Informe de Experiencia

Luciano Antônio RODRIGUES¹

Victor Hugo de Castro e SILVA²

Pâmela de Sousa DIAS²

Diego de Oliveira BENTO²

Isabela Marques HYGINO²

Eduarda Paes Fontoura Alves dos SANTOS²

Abstract: The Free Hugs Company is a social movement that involve people who offer free hugs for strangers at public spaces. The "Free Hugs" was idealized in 2001 by an Australian called "Juan Mann" who had an objective to break the agitated routine of day-to-day with one unusual and uncommon act: to give hugs. Affording one way of permutation: sadness to happiness. Against the difficulties of getting into the university, like the value of the enrollment in college entrance, the distance of the family, and the tension and all the preparations that predates the arrival at the tests place, Free Hugs was developed by one group of academics of the course of medicine in UNESC during the college admission exam in 2015. This movement had the objective to establish a humanized host action, offering free hugs at the place of examination, demonstrating to the students who were going to do the test of college admission, recognizing their potential and efforts in that moment, and helping them to assuage anxiety. The intervention was performed in Colatina - ES at UNESC (University Center of Espírito Santo),

¹ Doutorando em Ciências da Saúde (UNESC - SC). Professor Pesquisador do Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC.

² Graduandos de Medicina do Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 8 (2017/1).

Reforming Humanity
Reformando a Humanidade
Reformar la Humanidad

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

minutes before the test for College admission, on November 23th, 2014. Veterans gave the students a bigger motivation by handing posters, offering hugs, and giving welcoming smiles at the College Admission Test. The observed reactions of the candidates, initially, was of surprise, because they weren't received with bad words or derogatory acts, but with a simple hug with nothing in return, just smiles. The feeling that prevailed among the veterans involved in the process was of love, affection and altruism, and they realized that those feelings motivated in the future academics a feeling of gratitude and welcome. This reaction was manifested not only by the candidates, but also by their family and friends who were following them. We believe that this action generates formative intrinsic processes in a humanized view of medicine, even before starting the course.

Resumo: A *Free Hugs Company* é um movimento social que envolve pessoas oferecendo abraços grátis para estranhos em locais públicos. O “*Free Hugs*” foi idealizado em 2001 por um australiano, cujo alônimo era “Juan Mann”, que tinha por objetivo quebrar a rotina agitada do dia a dia com um ato inusitado e incomum de oferecer um abraço, proporcionando assim uma via de permuta: a tristeza pela alegria. Diante das dificuldades de ingresso na Universidade como o valor da inscrição, a distância dos familiares, a tensão e todos os preparativos que antecedem a chegada ao local de prova, foi desenvolvido por um grupo de acadêmicos do curso de Medicina da UNESC (Centro Universitário do Espírito Santo) a ação “*Free Hugs*” durante o vestibular do ano de 2015. Este movimento teve o objetivo de estabelecer uma ação de acolhimento humanizado, oferecendo abraços grátis no local de realização do exame, demonstrando aos pré-vestibulandos o reconhecimento de todo o seu potencial e de seus esforços para aquele momento, além de procurar amenizar a ansiedade deles. A intervenção foi realizada em Colatina - ES na UNESC, nos minutos que antecederam as provas de vestibular, no dia 23 de novembro de 2014. Veteranos munidos de cartazes, de abraços e de sorrisos acolhedores deram aos pré-vestibulandos uma maior motivação. A reação observada nos candidatos, inicialmente, era de surpresa, pois não foram recebidos nem com palavras nem com atos pejorativos, mas com um simples abraço que não visava nada em troca, além de sorrisos. Os sentimentos que prevaleceram entre os veteranos envolvidos no processo foram de amor, de carinho e de altruísmo e, naqueles futuros universitários emocionados fora percebido, de alguma forma, os sentimentos de gratidão e de acolhimento. Tal reação foi manifestada não somente pelos candidatos, mas também pelos familiares e amigos que os acompanhavam. Consideramos que essa ação gera processos intrínsecos formativos em uma visão humanizada da Medicina nos estudantes, mesmo antes de terem iniciado o curso.

Keywords: Free Hugs – Welcome - College Entrance - Medical Humanities.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 8* (2017/1).

Reforming Humanity
Reformando a Humanidade
Reformar la Humanidad

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

Palavras Chaves: Abraços Grátis – Acolhimento – Vestibular – Humanidades Médicas.

RECEBIDO: 12.12.2016

APROVADO: 20.02.2017

Introdução

A escolha profissional é multifatorial, isto é, sofre influência de inúmeros aspectos, como: política, economia, sociedade, educação, núcleo familiar e psique.³

Somada a esta característica, nas diferentes culturas existem diversas ofertas, tanto no universo trabalhista quanto no acadêmico, que caracterizam um momento histórico em que os sujeitos, subordinados às suas condições materiais, têm de eleger, selecionar e decidir sobre seus objetos de preferência.⁴ O processo de escolha está incluído em um processo maior, que é o de desenvolvimento de carreira. Tal processo se dá em etapas, incluindo um momento de cristalização das preferências vocacionais, o que geralmente ocorre entre os 14 e os 18 anos de idade.⁵ A cristalização depende de fatores pessoais e ambientais, contingências econômicas, consciência de atividades pré-profissionais, preferências, interesses e valores. As expectativas e os projetos de vida dos pais para os filhos também desencadeiam angústia e ansiedade.⁶

A ansiedade é caracterizada por um padrão de resposta incondicionado determinado por um conjunto de reações fisiológicas referentes à emissão de comportamentos de luta ou de fuga, diante de situações de perigo geradas por

³ NEIVA, K. M. C.; SILVA, M. B.; MIRANDA V. R.; ESTEVES, C. 'Um estudo sobre a maturidade para a escolha profissional de alunos de ensino médio'. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 2005; p. 1-14.

⁴ RASCOVAN, S. 'Lo vocacional: una revisión crítica'. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(2), 2004, p. 1-10.

⁵ BALBINOTTI, M. A. A.; WITTHAEUPER, D.; BARBOSA, M. L. L. 'Níveis de cristalização de preferências profissionais em alunos de ensino médio'. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1), 2004, p. 15-28.

⁶ D'AVILA, G. T.; SOARES, D. H. P. 'Vestibular: fatores geradores de ansiedade na cena da prova'. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1/2), 2003, p. 105-16.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 8 (2017/1).

Reforming Humanity
Reformando a Humanidade
Reformar la Humanidad

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

diversos fatores estressores.⁷ Tais fatores podem desencadear diferentes reações orgânicas e psíquicas, sendo que estas vêm à tona frente a um “gatilho” de estresse.

A memória é umas das funções psíquicas mais atingidas nesses momentos estressores. Esta é classificada em memórias de curto, médio e longo prazo, as quais são armazenadas no cérebro pela mudança da sensibilidade básica da transmissão simpática entre neurônios, como resultado da atividade neural prévia. Sua consolidação se dá efetivamente na região denominada hipocampo.⁸

A vivência do vestibular torna o seu momento de realização muito estressor, uma vez que existe não somente a cobrança social, mas também a autocobrança que se projeta no organismo na forma psíquica de grande estresse. Dentro desta contextualidade fisiológica há um pulso de cortisol (principal fator desencadeante do esquecimento) que é disparado atuando ao nível do eixo Hipotálamo-Pituitária-Adrenal, de forma estimulante, caracterizando um sistema de *feedback* negativo a nível de córtex pré-frontal, hipocampo e glândula pituitária.⁹

Todos estes fatores fisiológicos e psíquicos interferem no cotidiano e um destaque para o presente relato está no ingresso de estudantes na universidade. Este está condicionado à submissão ao exame do vestibular, o qual canaliza uma gama de responsabilidade frente à visualização de seu passado, presente e futuro. Todas as ações de estudos, planejamentos e tantos outros sacrifícios serão postos “à prova” e isso gera um processo estressor o qual é somado à conscientização de que o conhecimento não garante a aprovação. Este é um dos grandes dilemas que reside na ansiedade e na maneira como a mesma influencia no desempenho de cada estudante que presta o exame.¹⁰

⁷ CAMINHA, R. M. “Transtorno de estresse pós-traumático”. In: KNAPP, P. *Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica*. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 267-79.

⁸ AIRES, M. M. *Fisiologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2009.

⁹ GUYTON, A. C.; HALL, J. E. *Tratado de Fisiologia Médica*. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2012.

¹⁰ D’AVILA, GT, SOARES, DHP. *Op. cit.*



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 8* (2017/1).

Reforming Humanity
Reformando a Humanidade
Reformar la Humanidad

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

1. História do Vestibular

O termo “vestibular” refere-se a “vestíbulo” e significa “átrio” (entrada de um edifício).¹¹

Considerando que a maior parcela de indivíduos que se submetem ao processo seletivo do vestibular é adolescente, entre os seus inúmeros dilemas e indecisões, a escolha profissional merece relevância. Esta escolha se apresenta decisiva para a vida dos adolescentes e é vista como uma “necessidade” pela família, pela sociedade e por eles próprios.¹²

Descrevendo a realidade do Brasil do Período Colonial até a República contemporânea, o país viveu diversas realidades quanto à educação superior. Enquanto Colônia, a educação brasileira resumia-se à catequese indígena ensinada pelos jesuítas. No período do Império, a educação básica era dispensada, já que a mão de obra era escrava. Com o advento da República, no século XX, primeiramente se estabeleceu os ensinos secundário e superior, deixando o primário livre e favorecendo a elitização do ensino superior desde o princípio e, além disso, demonstrando descompromisso com outros graus de ensino. Somente na década de 30 é que o sistema de ensino primário foi estruturado em séries - sendo que apenas no ano de 1971 foi que as oito séries do dito “ensino fundamental” foram estabelecidas de fato.¹³

Remetendo aos princípios, ao acompanhar as Cartas Constitucionais, percebe-se que durante todo este período (1824-1988) ocorreu concessão de privilégios aos egressos de instituições de ensino superior. O responsável em delegar essas normativas, na maioria das vezes, era o Poder Legislativo, de maneira que não havia restrições para que uma minoria tivesse predominância no acesso ao ensino superior. Desde decretos que privilegiavam aos bacharéis em Letras do Colégio Dom Pedro II com acesso direto ao ensino superior (1843), passando pela Reforma Rocha Vaz em 1925, anos depois do número de vagas serem menores do que o número de candidatos inscritos, mais uma vez os bacharéis foram privilegiados. Em 1939 a grande beneficiada pelo regime autoritário foi

¹¹ FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

¹² LUCCHIARI, I. C.; SILVA, M. D.; LISBOA, M. C. *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2012, p. 135-160.

¹³ ALMEIDA, S. M. L. ‘Acesso à Educação Superior no Brasil: direito ou privilégio?’ *Revista HISTEDBR On-line*, 38, 2010, p. 169-185. ISSN: 1676-2584



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 8* (2017/1).

Reforming Humanity
Reformando a Humanidade
Reformar la Humanidad

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

a Igreja Católica e os seus seguidores, ao serem isentos da realização do exame os sacerdotes, os religiosos e os ministros de cultos. Em 1967, 50% das vagas eram reservadas para agricultores e para os seus filhos, fossem eles proprietários ou não de terras - a chamada “Lei do Boi”. Com a Constituição de 1988 e com a publicação da “Lei de Diretrizes e Bases de 1996” (Lei 9.394), qualquer tipo de concessão estava permanentemente proibida e não seria acatada nem pelo Ministério da Educação (MEC) nem pelo Conselho Nacional da Educação (CNE).¹⁴

A universidade pública expandiu-se no período compreendido entre 1930 e 1970, mas deste período até os dias atuais as políticas mercantilistas do ensino superior fortaleceram o setor privado, que hoje detém aproximadamente 90% das instituições e 70% do total de matrículas.¹⁵

2. História do Trote

A cultura não se define como algo que se carrega ou que se incorpora de um tempo a outro ou de uma sociedade à outra, mas sim como fruto de interações dinâmicas de sujeitos sociais que atribuem sempre novos significados históricos às suas ações ou como sistemas simbólicos que adquirem sempre novos significados historicamente.

As sociedades humanas, ao longo da sua trajetória, desenvolveram formas de socialização dos cidadãos através de rituais que se realizavam anualmente. Sejam estes de passagem, de iniciação ou de rebelião, formam, por si, apenas estruturas antropológicas que marcam o estado, o lugar e o status dos membros de uma coletividade.¹⁶

Clastres (1982, p. 81-82), ao discutir a temática nas sociedades tribais, afirma:

No rito iniciativo os jovens recebem da sociedade - representada pelos ordenadores do ritual - o saber daquilo que a sociedade é em seu ser; daquilo que a constitui e institui como tal: o universo de suas regras e de suas normas; o universo ético-político de sua lei; o ensino da lei e, em seguida, a prescrição da

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo de educação superior*. Brasília: INEP, 2004.

¹⁶ VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978; GLUCKMAN, M. ‘Rituais de rebelião no sudeste da África’. *Cadernos de antropologia*, 4, 1974, p. 110-136.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 8* (2017/1).

Reforming Humanity
Reformando a Humanidade
Reformar la Humanidad

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

fidelidade a esta lei, na medida em que ela assegura a continuidade e a permanência do ser na sociedade.¹⁷

Os ritos de iniciação, portanto, marcam a passagem de uma etapa à outra, consolidando responsabilidades, direitos e deveres, além de, intrinsecamente, necessitarem de uma herança deixada pelas gerações mais velhas, como princípios éticos e estéticos e um conhecimento acerca do passado que virá a se projetar no futuro.¹⁸

Ao pensar em rituais na sociedade, aqueles que mais marcam são os provenientes de tribos indígenas, no que tange à transição da infância para a adolescência. Nos tais, indivíduos do sexo masculino, principalmente, são submetidos a picadas de insetos e a provas de esforço como levantar troncos, etc. Neste estado, muitos chegam a desmaiar, simbolizando, assim, a morte da criança e o nascimento do adulto - exemplificando a questão hierárquica dentro de uma aldeia.¹⁹

Mas, se pensarmos no trote praticado nas universidades como um ritual, algo diferente é estabelecido, pois se partimos do pressuposto que todos ali buscam o mesmo objetivo, que é a formação no ensino superior, logo podemos concluir também que todos são indivíduos numa mesma hierarquia. Porém, ao analisarmos a história, percebemos que isto não acontece.

Ao observar o significado de “trote”, vemos que o autor define como: “zombaria, gracejo ou indiscrição que se comete com alguém. Brincadeira que estudantes veteranos fazem com os calouros”. Este vocábulo é utilizado apenas no Brasil; em outros países ele recebe designações variadas, mas que indicam as mesmas práticas simbolizadas em rituais de iniciação – como a entrada na faculdade, por exemplo. Relatos datados do século XII contam a ocorrência de trotes com três níveis/fases: um ritual de recepção, um período de servidão e uma emancipação. Tudo isto acompanhado de violência física e de cobrança de materiais por parte dos veteranos²⁰. Ato como estes tiveram início na Europa Medieval, com os calouros assistindo aulas nos “vestíbulos”, isto é, locais onde

¹⁷ CLASTRES, P. *Arqueologia da violência*. Ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1982.

¹⁸ VAN GENNEP, A. *Op. cit.*

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ WARTH, M. P. T. N.; LISBO, A. L. F. “Tradição, trote e violência?”. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 5, 1999, p. 111-118.



eram guardadas as vestimentas dos alunos novos, já que estes não podiam ocupar o mesmo local que os veteranos. Além disso, suas roupas eram queimadas e os seus cabelos e pelos raspados, com a justificativa de que estas eram “medidas profiláticas contra doenças”.²¹ O mais antigo documento sobre isto data de 1.342, contendo relatos de calouros bebendo urina e excrementos para serem aceitos pelos veteranos.²²

Na Alemanha, o conceito de calouro era: “animal selvagem que precisava ser domado”. Com isso, os calouros eram submetidos ao transporte dos materiais de seus veteranos, sendo, portanto, subservientes às suas vontades.²³ Já Nos Estados Unidos, na universidade de *West Point*, os trotes eram mais inescrupulosos: além de todas as tarefas vexatórias, os calouros também eram submetidos a abusos sexuais. Na Espanha, a violência era o principal fator. Já no Uruguai, não há registro de trote violento, pois o ingresso nas instituições de ensino superior não necessita da realização do vestibular, mas sim de tarefas sociais ou recreativas. Em Portugal temos a Universidade de Coimbra, na qual, embora tenha sido fundada por volta de 1.300, informações acerca de trotes só começaram a ser relatadas no século XVIII. A partir daí “tradições” como estas foram difundidas no Brasil, inicialmente, nas faculdades de Direito de São Paulo e de Pernambuco.²⁴

O primeiro relato no país foi registrado em 1831, tendo como vítima do trote o estudante Francisco Cunha e Meneses, da Faculdade de Direito do Recife. Após isto, muitas histórias trágicas são ligadas a trotes violentos praticados nas universidades brasileiras. Um dos últimos exemplos ocorreu na Universidade de São Paulo²⁵, com o estudante Edison Tsung Chi Hsueh, que ingressava na Faculdade de Medicina da USP em 2004.

²¹ A NOVA CARA DO TROTE UNIVERSITÁRIO. *Internet*, <http://www.mundoeducacao.com.br/educacao/a-nova-cara-troteuniversitario.html>; DIAS, Marina. A origem medieval do trote universitário. *Internet*, <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/origemmedieval-trote-universitario-420510.shtml>.

²² MATTOSO, Glauco. *O calvário dos carecas: história do trote estudantil*. São Paulo: EMW Editores, 1985, p. 23; TROTE ACADÊMICO. *Internet*, http://debateacademico.blogspot.com/2008_03_01_archive.html

²³ ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *O trote na universidade: passagens de um rito de iniciação*. Coleção Questões de Nossa Época, Volume 93. São Paulo: Cortez, 2002.

²⁴ MATTOSO, Glauco. *Op. cit.*, p. 34,62,73.

²⁵ DIAS, Marina. *Op. cit.*



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 8 (2017/1).

Reforming Humanity
Reformando a Humanidade
Reformar la Humanidad

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

Diante do acontecido, consequências ocorreram: somado à lei n. 10.054 de 20 de fevereiro de 1999, na qual é vedada a realização de trote que possa colocar em risco a saúde e a integridade física dos alunos ingressantes das escolas superiores de universidades estaduais, também existe agora o projeto de lei aprovado em 18 de fevereiro de 2009 que prevê multas de até R\$ 20.000 ao estudante que praticar trote violento, além do cancelamento de sua matrícula por um ano e a exigência obrigatória de que as universidades instaurarem processos disciplinares contra seus alunos infratores - mesmo que a violência ocorra fora de suas dependências -, tais como suspensão do estudante das aulas no período de um a seis meses.²⁶

É preciso enfatizar a escassez do assunto nas literaturas nacional e internacional. Sua presença no cotidiano das universidades brasileiras precisa ser mais bem discutida e sistematizada, para que a entrada num curso superior seja um momento de comemoração e felicidade, não a oportunidade de ocorrência de um ato violento. Afinal, seria esse um ritual necessário?

3. O Movimento “Abraços Grátis”

Tudo começou quando o autor do *Free Hugs*, que utiliza um alônimo de “Juan Mann”, estava morando em Londres e, imbuído de muitos problemas, resolveu voltar para casa, em Sydney, na Austrália, sua cidade natal, no ano de 2000. Ao chegar lá, ele dispunha somente de uma mala de roupas e inúmeros problemas, além de estar sozinho, sem ninguém para recebê-lo em sua própria cidade. Devido a isto, conforme ele observava outras pessoas que estavam chegando e estavam sendo recebidas por familiares e amigos que aguardavam por elas, ele se sentiu solitário, ocasionando, tal sentimento, porém, o surgimento da ideia de pegar um marcador de textos e um papelão e escrever de ambos os lados “*Free Hugs*” (“Abraços Grátis”). Feito isto, sem qualquer outro interesse a não ser a simples troca de um abraço, Juan Mann procurou por uma avenida bem movimentada e levantou o cartaz. Durante aproximadamente 15 minutos as pessoas passavam e observavam, mas não paravam para trocar um abraço. Quando uma senhora de baixa estatura tocou seu ombro e lhe contou de como se sentira sozinho naquele dia, devido a perda de pessoas importantes, ele ajoelhou e a abraçou e, após tal gesto, ela estava com um sorriso estampado no

²⁶CAMILO, A. V. ‘Do trote universitário como atentado aos direitos da personalidade do acadêmico’. *Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI*, Fortaleza, CE, 2010.



rosto. Juan Mann relata que todos temos problemas, mas que ver alguém que antes estava triste se sentir feliz depois de um abraço, vale a pena o tempo todo.²⁷

O desejo dele se resumia no fato de que o indivíduo, apesar da correria diária e de possuir as suas próprias dificuldades e questões para resolver, pudesse ler a mensagem escrita no papelão e mesmo sem saber os problemas uns dos outros, se dispusesse a realizar a troca de um abraço, que, no momento, embora gerasse surpresa por ser um ato inusitado e incomum, também resultaria em uma expressão facial revigorada nos participantes, devido à nova perspectiva que uma demonstração de afeto pode gerar em meio à correria do modo de vida urbano. Além disso, tal ato, que poderia ser breve, acabou, em muitos casos, sendo prolongado através de registros de fotos e de vídeos que foram eternizados nos espaços virtuais.

Um vídeo divulgado na internet pelo músico Shimon Moor, da banda “*Sick Puppies*”, que filmou a ação dos abraços grátis realizado nas ruas, foi adaptado por ele em uma de suas músicas, a qual deu como presente para Juan Mann - segundo dados colhidos nos sites por onde o vídeo circula.²⁸

O movimento que teve início com um australiano tomou proporções gigantescas, rompendo barreiras geográficas, de maneira que, através da postagem de seus vídeos na internet, foi iniciado um movimento global de abraços grátis. À medida que a popularidade dos vídeos crescia, alcançou-se o número de 70 milhões de visualizações em maio de 2011. Tal movimento estimulou as pessoas de forma individual e em grupo, em diferentes épocas e ocasiões do ano, a enfrentarem os fluxos das cidades e de seus diferentes ambientes, ao oferecer a troca de abraços grátis nos mais variados lugares do mundo.²⁹

²⁷ FREE HUGS. Site oficial da campanha do “Free Hugs”: Internet, <http://www.freehugscampaign.org/>

²⁸ ABRAÇO GRÁTIS. Internet, <http://www.abracosgratis.com.br/informacoes>

²⁹ MARTINS, F. G. P.; GUSHIKEN, Y. ‘FreeHugs: Dinâmicas de troca, dádiva e estranhamento na intervenção urbana’. *Comunicação, mídia e consumo*, 9(24), 2012, p. 179-198.



4. Cenário de Vivência

A vivência aconteceu no mês de novembro dos anos de 2014 e 2016 no vestibular de um Centro Universitário localizado no estado do Espírito Santo. O vestibular contou com 1.842 inscritos, em 2014, e 1.567 candidatos, em 2015, para o curso de Medicina. A intervenção foi realizada das 8h às 9h - horário que antecedia a entrada dos vestibulandos na sala de realização das provas -, e contou com a participação de acadêmicos de Medicina do segundo ao nono período. Cada acadêmico estava munido de um cartaz escrito "Abraço Grátis", juntamente com frases de incentivo, tais como: "Boa Prova", "Deus abençoe", entre outras. Inspirados na campanha do *Free Hugs* - de maneira singular e pré-determinada em reunião explicativa da metodologia do intervencionismo de um *flash mob* -, os discentes de Medicina da instituição na qual foi realizada a intervenção, posicionaram-se nos locais de entrada do vestibular e por toda a fila que se formava nos momentos que antecederiam a prova, ao mesmo tempo, levantaram seus cartazes e começaram a oferecer abraços de maneira gratuita. Posteriormente, fomos convidados para relatar aos pais a experiência que vivenciamos na instituição enquanto acadêmicos.

5. Relato de Vivência

Abraços são constituídos pela interação imediata entre duas pessoas. O ato de abraçar, que se realiza com no mínimo dois indivíduos, abrange sentidos sociais que vão desde conotações políticas aos significados ligados à vida sexual. Existe a atitude daquele que oferece o abraço como dádiva, em primeira instância, e a possível resposta de quem retribui para que o abraço possa acontecer. No caso do *Free Hugs*, o indivíduo surpreendido com uma proposta de abraço é quem permite haver ou não interação.³⁰

Baseada nesta definição é que reside a experiência dos acadêmicos de Medicina para com os vestibulandos durante as intervenções nos processos seletivos do supracitado curso nos anos de 2014 e 2015. A ideia surgiu mediante a um diálogo informal entre os participantes da ação, relatando como havia sido as experiências durante os processos seletivos que enfrentaram por todo o Brasil. Os quesitos “ansiedade”, “medo do branco”, “solidão” e “pressão por resultados” foram os mais citados durante a conversa e, por este motivo, os estudantes resolveram mudar a história daqueles que estavam tentando

³⁰MARTINS, F. G. P.; GUSHIKEN, Y. *Op. cit.*



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 8 (2017/1).

Reforming Humanity
Reformando a Humanidade
Reformar la Humanidad

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

ingressar na universidade. No princípio da intervenção, havia uma reação de estranhamento tanto por parte dos pais quanto dos pré-universitários, pois o que esperavam - e que de fato aconteceu próximo ao espaço da intervenção - era a intimidação por parte dos veteranos com palavras chulas e humilhações, como por exemplo, “calouro burro”, “minha casa, minhas regras”, dentre outras.

Tal reação de estranhamento é aguardada em intervenções realizadas na cidade, pois busca desfazer os sentidos comuns do espaço urbano para dar a ele novo significado através do próprio estranhamento e reflexões sugeridas.³¹ Também é importante salientar que a percepção de cada indivíduo frente à ação é única. Se a compararmos com a “objetiva” de uma máquina fotográfica, por exemplo, cada registro terá um ponto de vista distinto.³²

Na relação de troca, que nessa intervenção ocorre por meio do abraço, sempre existe a dádiva (constituída pela tríade dar-receber-retribuir) e o estranhamento. No caso da dádiva, o próprio abraço em si a constitui, levando consigo um registro imaterial, abstrato e residual na memória, que ficará gravado ou como imagens audiovisuais ou pela lembrança de um fato inusitado.³³ Porém, o “Abraço Grátis” (enquanto intervenção por parte dos acadêmicos) confronta este conceito, já que não exigia nada em troca e nem obrigava os vestibulandos a receberem o abraço.

Alguns candidatos aos processos seletivos recusavam os abraços e ainda proclamavam um discurso: “Eu não necessito desse abraço para passar” ou até mesmo “Esse abraço vai me fazer passar? Senão eu nem aceito”. Em meio a discursos intempestivos, três situações marcaram nesses anos nos quais os acadêmicos realizaram a ação: no ano de 2014 uma candidata abraçou a acadêmica de Medicina do nono período e começou a chorar agradecendo e relatando estar sozinha, dizendo que aquele abraço fez toda a diferença; no ano de 2015, acadêmicos que no ano anterior foram abraçados juntaram-se ao grupo inicial para mudar a história de outros vestibulandos e, o terceiro e último fator, foi o atraso de uma candidata e a perda da possibilidade de realização da prova, o que a decepcionou bastante, encontrando, assim, através do abraço oferecido

³¹PAIS, J. M. *Lufa-lufa quotidiana*. Ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: ICS Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

³²*Ibid.*

³³SIMMEL, Georg. *Fidelidade e gratidão e outros textos*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 8* (2017/1).

Reforming Humanity
Reformando a Humanidade
Reformar la Humanidad

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

pelos acadêmicos uma espécie de consolo. Na dita situação, enquanto os pais e acompanhantes dos demais candidatos gritavam para que o portão pudesse ser aberto para que ela entrasse, já que havia viajado por uma longa distância, os acadêmicos puderam confortá-la e ajudá-la de alguma maneira com palavras de apoio, controlando o desespero da mesma.

6. Considerações Finais

A experiência com o movimento “Abraço Grátis” proporcionou uma diferença formativa no processo das relações interpessoais e um sentimento mais intenso de humanidade. Durante as ações foi possível sentir que as tensões geradas pelo momento do vestibular eram “diluídas” momentaneamente durante a relação de aproximação. Nesses tempos em que a cibercultura gera perfis diferenciados das pessoas, a experiência de ter um momento acolhedor real proporcionou fortes emoções não somente para os participantes do movimento “Abraço Grátis”, mas também para os vestibulandos que eram por ele acolhidos.

Os sentimentos que prevaleceram entre os veteranos envolvidos no processo foram os de amor, de carinho e de altruísmo e naqueles futuros universitários, emocionados, foram percebidos, de alguma forma, os sentimentos de gratidão e de acolhimento. Tal observação foi manifestada não somente pelos candidatos, mas também pelos familiares e amigos que os acompanhavam. Consideramos, pois, que essa ação gera processos intrínsecos formativos em uma visão humanizada da Medicina, mesmo antes de iniciar o curso.

Fontes

- A NOVA CARA DO TROTE UNIVERSITÁRIO. *Internet*, <http://www.mundoeducacao.com.br/educacao/a-nova-cara-troteuniversitario.html>
- ABRAÇO GRÁTIS. *Internet*, <http://www.abracosgratis.com.br/informacoes>
- DIAS, Marina. A origem medieval do trote universitário. *Internet*, <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/origemmedieval-trote-universitario-420510.shtml>
- FREE HUGS. Site oficial da campanha do “Free Hugs”: *Internet*, <http://www.freehugscampaign.org/>
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo de educação superior*. Brasília: INEP, 2004.
- TROTE ACADÊMICO. *Internet*, http://debateacademico.blogspot.com/2008_03_01_archive.html



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 8* (2017/1).

Reforming Humanity
Reformando a Humanidade
Reformar la Humanidad

Jan-Jun 2017/ISSN 1676-5818

Bibliografia

- AIRES, M. M. *Fisiologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
- ALMEIDA, S. M. L. 'Acesso à Educação Superior no Brasil: direito ou privilégio?' *Revista HISTEDBR On-line*, 38, 2010, p. 169-185. ISSN: 1676-2584
- BALBINOTTI, M. A. A.; WITTHAEUPER, D.; BARBOSA, M. L. L. 'Níveis de cristalização de preferências profissionais em alunos de ensino médio'. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1), 2004, p. 15-28.
- CAMILO, A. V. 'Do trote universitário como atentado aos direitos da personalidade do acadêmico'. *Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI*, Fortaleza, CE, 2010.
- CAMINHA, R. M. "Transtorno de estresse pós-traumático". In: KNAPP, P. *Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica*. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 267-79.
- CLASTRES, P. *Arqueologia da violência*. Ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- D'AVILA, G. T.; SOARES, D. H. P. 'Vestibular: fatores geradores de ansiedade na cena da prova'. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1/2), 2003, p. 105-16.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- GLUCKMAN, M. 'Rituais de rebelião no sudeste da África'. *Cadernos de antropologia*, 4, 1974, p. 110-136.
- GUYTON, A. C.; HALL, J. E. *Tratado de Fisiologia Médica*. 12^{oa} edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- LUCCHIARI, I. C.; SILVA, M. D.; LISBOA, M. C. *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2012, p. 135-160.
- MARTINS, F. G. P.; GUSHIKEN, Y. 'FreeHugs: Dinâmicas de troca, dádiva e estranhamento na intervenção urbana'. *Comunicação, mídia e consumo*, 9(24), 2012, p. 179-198.
- MATTOSO, Glauco. *O calvário dos carecas: história do trote estudantil*. São Paulo: EMW Editores, 1985.
- NEIVA, K. M. C.; SILVA, M. B.; MIRANDA V. R.; ESTEVES, C. 'Um estudo sobre a maturidade para a escolha profissional de alunos de ensino médio'. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 2005; p. 1-14.
- PAIS, J. M. *Lufa-lufa quotidiana: Ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana*. Lisboa: ICS Imprensa de Ciências Sociais, 2010.
- RASCOVAN, S. 'Lo vocacional: una revisión crítica'. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(2), 2004, p. 1-10.
- SIMMEL, Georg. *Fidelidade e gratidão e outros textos*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.
- VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Petropólis: Vozes, 1978.
- WARTH, M. P. T. N.; LISBO, A. L. F. 'Tradição, trote e violência'. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 5, 1999, p.111-118.
- ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *O trote na universidade: passagens de um rito de iniciação*. Coleção Questões de Nossa Época, Volume 93. São Paulo: Cortez, 2002.